



**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Música**

Matheus Soares Machado

**FORMAR-SE MÚSICO: APRENDIZAGEM MUSICAL DOS
INTEGRANTES DA BANDA SCALENE**

**Brasília
2018**

Matheus Soares Machado

**FORMAR-SE MÚSICO: APRENDIZAGEM MUSICAL
DOS INTEGRANTES DA BANDA SCALENE**

Monografia de Conclusão de Curso para a
obtenção do título de Licenciado em Música
submetida à Universidade de Brasília, curso de
Licenciatura em Música – Diurno.

Orientadora: Ms. Simone Lacorte Recôva

**Brasília
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM149f Machado, Matheus Soares
Formar-se músico: aprendizagem musical dos integrantes
da banda Scalene / Matheus Soares Machado; orientador
Simone Lacorte Recôva. -- Brasília, 2018.
54 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Música) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. Fator motivador da aprendizagem musical. 2.
Aprendizagem formal, não-formal e informal em música. 3.
Autodidatismo. I. Recôva, Simone Lacorte, orient. II. Título.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Matheus Soares Machado

“FORMAR-SE MÚSICO: APRENDIZAGEM MUSICAL FORMAL E INFORMAL DOS INTEGRANTES DA BANDA SCALENE”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música, sob a orientação do Professor(a) Simone Lacorte Recôva, segundo o Ato 36/2018 do dia 28 de junho de 2018, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 28 de junho de 2018.

Simone Lacorte Recôva

Francine Kemmer Cernev

Alessandro Borges Cordeiro

Uliana Dias Campos Ferlim

Aos meus avós que com tanto esforço me proporcionaram uma boa educação e me apoiaram no meu sonho. Aos meus pais que sempre acreditaram no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, pela sua misericórdia que se renova a cada manhã.

Aos meus avós maternos Selma e Moacyr por todo o suporte possível durante os estudos.

Aos meus pais Alessandra e Marlon por acreditarem em mim e no meu potencial.

A minha namorada Louise por estar comigo durante todo o período de graduação.

Em especial ao Gustavo, Tomás, Lucas e Phillipe, integrantes da banda Scalene, pela participação na pesquisa.

Ao Igor (produção - Scalene) pelo esforço para que as respostas do questionário chegassem até a mim em tempo hábil.

A minha orientadora Ms. Simone Lacorte Recôva pelo apoio e paciência no decorrer da execução do trabalho.

Às professoras que constituem a banca de avaliação final deste trabalho: Ms. Uliana Campos Dias Ferlim e Dra. Francine Kemmer Cernev.

A todo o corpo docente do Departamento de Música da UnB pelos conhecimentos compartilhados.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo geral conhecer a aprendizagem musical formal e informal dos integrantes da banda *Scalene*, originada na cena independente do Rock do Distrito Federal. Os objetivos específicos estão baseados em identificar o aspecto motivacional inicial e continuado para aprender um instrumento musical, identificar a trajetória da aprendizagem formal e informal, compreender como a participação em banda(s) contribuiu para o desenvolvimento musical dos integrantes e conhecer a progressão do desenvolvimento técnico no instrumento. A partir da revisão bibliográfica e de experiências como plateia e músico durante o curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília - UnB, foi possível compreender como os músicos da banda *Scalene* aprenderam e continuam aprendendo música, bem como sobre os recursos utilizados para tal. Espera-se que esse trabalho possa auxiliar na reflexão de professores acerca de como seus alunos podem aprender música e utilizar conhecimentos para tocarem em bandas ou grupos sem necessariamente estarem em contato apenas com a educação musical formal. Espera-se, ainda, que as questões analisadas gerem continuação deste trabalho no mapeamento da aprendizagem de outras bandas de Rock no Brasil.

Palavras-chave: aprendizagem formal, não-formal e informal; bandas independentes.

ABSTRACT

The general objective of this undergraduate thesis is to know Scalene's band members formal and informal musical learning. This rock band was formed in the autonomous scene of Distrito Federal Rock. The specific objectives are based on identifying the first and continuous motivational aspect to learn a musical instrument, the formal and informal learning trajectory as well as its specificities, understand how playing on a band contributed to the members' musical development and know the progression of technical development in some instrument. Through the bibliographic review and the experiences as an audience and musician throughout the Music Major's undergraduate course in UnB, it was possible to understand how Scalene's band musicians learned (and still learning) how to play music, as well as about the used tools. This thesis may aid teachers in their own reflexion about how students can learn music and use their knowledge to play in musical groups without being necessarily in contact with formal music education only. Besides, the analyzing issues may continue this work in mapping of others Brazilian's Rock bands learning.

Keywords: formal, non-formal and informal learning; autonomous bands.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – HISTÓRIA DA BANDA SCALENE	12
1.1 O surgimento da Scalene	12
1.2 Etapa de “profissionalização”	13
1.3 Etapa de expansão	14
1.4 Grammy Latino	15
1.5 CD Magnetite e o Rock in Rio	17
2 – REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 Contexto de Aprendizagem	18
2.1.1 Educação Formal, Não Formal e Informal	18
2.1.2 Autodidatismo em Música	20
2.2 Práticas de aprendizagem musical em bandas de Rock	21
3 – METODOLOGIA DE PESQUISA	23
3.1 Tipo de pesquisa	23
3.2 Estabelecimento da amostra	24
3.3 Técnica de coleta de dados	25
3.4 Técnica de análise de dados	26
4 – RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA	27
4.1 Primeiro instrumento	27
4.2 Trajetória inicial	28
4.3 Motivação para aprender o instrumento	30
4.4 Faz aula atualmente?	32
4.5 Limitações no desenvolvimento	34
4.6 Contribuição da(s) banda(s) no desenvolvimento musical	36
4.7 Conceitos absorvidos em música	37
4.8 Linha do tempo – trajetória de aprendizagem musical	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	42
Anexo I – Modelo do questionário para aplicação individual	42
Anexo II – Questionário respondido por cada integrante	43
Anexo III – Tabelas	53
GLOSSÁRIO	54

INTRODUÇÃO

As bandas independentes de Rock do Distrito Federal vêm se destacando na atualidade, conquistando cada vez mais espaço na cena musical da cidade e agregando admiradores/seguidores por onde passam. Algumas dessas bandas – Scalene, Trampa, Dona Cislene - já tocaram em festivais de grande porte no âmbito nacional e internacional como *Rock in Rio*, *Lollapalooza*, *South by Southwest*, Porão do Rock e/ou foram transmitidos em programas televisivos de grande audiência (Altas Horas, Vídeo Show, Encontro com Fátima Bernardes, DFTV, *SuperStar*).

Entre as bandas citadas, a Scalene foi selecionada como foco desta pesquisa pela sua relevância no cenário musical da cidade. Em levantamento feito nas redes sociais da banda foram obtidos dados quanto à popularidade e reconhecimento¹. Na página oficial do *Facebook* a banda possui a quantidade de 338.048 curtidas. Outras plataformas confirmam a quantidade significativa de pessoas que acompanham a Scalene: no *Instagram* são 160.548 seguidores, enquanto no *Spotify* (plataforma de *Streaming* de áudio) 217.488. Em seu canal no *YouTube* (plataforma de *Streaming* de vídeo) a banda conta com a inscrição de 209.671 fãs e na soma de todos os vídeos já foi alcançada a marca de 31.212.867 visualizações.

Refletindo acerca do sucesso da Scalene, em como a música deles alcança tantas pessoas em todo o Brasil e da possível aprendizagem autodidata de seus componentes surgem as indagações: Como os músicos aprenderam a tocar seus instrumentos? Quais os recursos utilizados? Passaram na trajetória musical por ensino formal? Atualmente fazem aula do seu instrumento?

Esse trabalho de pesquisa tem como objetivo geral conhecer a aprendizagem musical formal, não-formal e informal dos integrantes da banda *Scalene*. Os objetivos específicos concentram-se no mapeamento e análise dessa cena, na qual certos aspectos permitem a compreensão do contexto e o motivo para cada direcionamento no que se refere à aprendizagem musical (quanto a seu processo formal, não-formal e informal). A partir de uma revisão bibliográfica reflexiva e de experiências vivenciadas como professor de instrumento durante o curso de Licenciatura em Música da UnB busca-se compreender como os músicos citados aprenderam e continuam aprendendo música, bem como sobre os recursos utilizados para tal.

Espera-se que esse trabalho possa auxiliar na reflexão de professores acerca de como seus alunos podem aprender música e utilizar conhecimentos para tocarem em bandas ou

¹ Dados do dia 24/10/2017 às 23h28, horário de Brasília.

grupos sem necessariamente estarem diretamente em contato apenas com a educação musical formal. Espera-se, ainda, que as questões analisadas gerem continuação deste trabalho acerca do ensino de música voltado para o interessado em tocar em banda de Rock.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No capítulo 1 foi explanada a história da banda Scalene passando pelas principais conquistas desde o surgimento até o lançamento do CD intitulado “Magnetite” e o show realizado no festival de música *Rock in Rio*. Para um aprofundamento, foi pesquisado a aprendizagem formal, não formal e informal, além do autodidatismo em música. No capítulo 2 foi feita uma revisão de literatura com o foco no contexto de aprendizagem e em práticas de aprendizagem musical em bandas de Rock. Já no capítulo 3 está a definição do tipo de pesquisa escolhido para o trabalho e a descrição da metodologia, desde o estabelecimento da amostra até a análise dos dados, passando pela técnica de coleta. O capítulo 4, por sua vez, aborda quais foram os resultados obtidos na pesquisa e as relações com a revisão de literatura. Finalizando o trabalho, são realizadas as considerações finais quanto à pesquisa e seus resultados.

1. A HISTÓRIA DA BANDA SCALENE

Nesse capítulo o espaço é destinado a uma exposição geral da história da Banda Scalene. A partir da explanação de como a banda surgiu, do contexto no qual ela atuou nesse primeiro momento, das influências musicais iniciais, entre outras características juntamente com as entrevistas dispostas no capítulo quatro, é possível analisar e entender de forma mais específica como ocorreu e ainda ocorre esse aprendizado musical por parte dos integrantes. Compreendendo melhor a trajetória desse aprendizado, fica mais fácil identificar o reflexo na realização musical e como as habilidades contribuíram para alavancar cada vez mais a banda, gerando um *feedback* extremamente positivo tanto de fãs quanto da crítica (*blogs* especializados em música, programas de televisão, jurados de concursos musicais, produtores de festivais).

1.1 O surgimento da Scalene

Em 2009, um momento histórico no qual os gêneros *Hardcore*² e *Metalcore*³ assumiam papel de liderança nos eventos *underground*⁴ da cena independente do Distrito Federal, ocorre o surgimento da banda Scalene em formação que difere da adotada nos dias de hoje. Inicialmente era composta por Alexia Fidalgo (vocal) Gustavo Bertoni (guitarra e vocal), Tomás Bertoni (guitarra), Lucas Furtado (baixo) e Philipe Nogueira (bateria e vocal). Os irmãos que caminham juntos no rock, Gustavo e Tomás, explicam em entrevistas que a formação da banda surge de certa maneira do interesse de cada integrante em formar uma banda naquele ano. Todos se conheciam há anos, tendo em vista que estudavam juntos desde a pré-escola. Gustavo apesar de mais novo, sempre andava com os amigos do irmão Tomás, 2 anos mais velho. Segundo os próprios integrantes a formação a princípio ocorre de forma despretensiosa e apenas em 2012 existiria um despertar para a “profissionalização” da banda visando alcançar espaço no cenário musical nacional.

Para lançar o primeiro trabalho, a Scalene produziu em 2011 um EP homônimo “Scalene” o qual era composto por seis faixas: Minha Direção, Fim Dos Tempos, Amigo Oculto, Sua Vontade É Sua Razão, Começo e Fim, Traz de Volta. É possível perceber nesse primeiro lançamento influências do *post-hardcore* ou *pós-hardcore*

Post-Hardcore (pós-hardcore), Como o nome pode sugerir, é derivado do hardcore. As primeiras aparições do gênero foram em Washington, D.C., após a metade dos anos 80 (veja a era de lançamentos da Dischord Records, por exemplo), apesar de

²Vide definição 1 do Glossário

³Vide definição 2 do Glossário

⁴Vide definição 4 do Glossário

não ser bem conhecido até o começo dos anos 90. Post-Hardcore, como um gênero musical, é marcado pelos seus ritmos precisos e bases de guitarra altas acompanhadas por performances vocais que são frequentemente cantadas sussurradas ou gritadas. O gênero desenvolveu um equilíbrio único entre dissonância e melodia, em parte dividindo a característica alta e rápida do hardcore em algo mais uniforme, com estruturas de tensão sutis e mais solto. (<https://www.last.fm/pt/tag/post-hardcore/wiki>)



Flyer de divulgação do Show de Lançamento do EP “Scalene” no dia 01/10/2011

(Foto: Arquivo Pessoal)

1.2 Etapa de “profissionalização”

Essa etapa foi nomeada por mim como início da “profissionalização” da banda, ou seja, o momento citado acima no qual a banda sentiu a necessidade de modificar a forma de encarar as tarefas: o que antes era desprezioso, agora passa a ter o foco no objetivo de alcançar um público alvo e ser referência no meio em que a banda estava inserida: contexto do Rock independente de Brasília e do Brasil de modo geral.

Nesse momento surge a ideia de trazer o *Crowdfunding*, modelo de captação de recursos até então muito utilizado em outros países, mas pouco aproveitado no Brasil. O *Crowdfunding* nada mais é do que um financiamento coletivo. Pessoas apoiam determinado projeto com a quantia que desejarem e para cada valor depositado existe uma recompensa. A banda criou uma proposta de financiamento coletivo em site especializado e em troca de contribuições

prometeram de acordo com o valor: CD autografado em primeira mão, ir a um ensaio com um acompanhante, um show acústico na casa do contribuinte, jantar feito pela banda e uma partida de basquete com os integrantes. Com a ideia criativa conseguiram captar os recursos necessários para a gravação e lançamento do primeiro CD intitulado “Cromático” (2012), produzido por Diego Marx e construído com faixas: 1867, Àqueles Perdidos, Cada Minuto, Cego Mundo, Fim do Dia, Ilusionista, Index, Nunca Apague a Luz, Preto e Branco, Quadro Renovado, Semitom e Tempos Modernos.



Capa do CD Cromático (2012).

Com o lançamento do primeiro CD, a banda trabalhou em cima do *marketing* postando clipes na plataforma de vídeos YouTube e fazendo diversos shows principalmente nos *pubs* e casas de show de referência em Brasília, chegando a abrir show de artistas de renome no circuito do Rock nacional como Glória e Fresno.

1.3 Etapa de expansão

Após a sequência de shows cada vez mais cheios, com um público vibrante e sedento por novas músicas, Scalene inicia a produção do segundo CD, este com o nome “Real/Surreal” que foi lançado em 2013. Foi um momento arriscado, pois a banda optou por um CD duplo de lado A e B com 18 faixas: Sonhador II, Marco Zero, Nós Maior Que Eles, Silêncio, Prefácio, Forma Padrão, Amanheceu, Disfarce, Interlúdio, Danse Macabre, Milhares Como Eu, Karma, O Alvo, Surreal, Ilustres Desconhecidos, Anoiteceu, A Luz e Sombra, Branco. Para uma banda independente seria um passo muito ousado, o que fez com que muitas pessoas criticassem a decisão, mas ficassem ao mesmo tempo curiosas e ansiosas pelo o que viria.



Capa do CD “Real/Surreal” (2013) (Imagem: Site Oficial)

O lado “Real” do álbum remete a uma sonoridade próxima do trabalho anterior, “Cromático”, enquanto o lado “Surreal” mostra a face inovadora da banda. Isso se mostra de forma bastante clara no single desse lado B que ganhou um videoclipe intitulado “Danse Macabre”. A faixa extremamente experimental repercutiu de forma positiva, sendo uma música muito escutada e pedida pelo público— atualmente constam 2.624.322 visualizações do clipe oficial na plataforma YouTube⁵. Futuramente ainda surgiria uma grande surpresa: a música seria escolhida dois anos depois como trilha sonora para a novela da Rede Globo “A Regra do Jogo”.

Esse momento da carreira da banda foi denominado por mim como etapa de expansão por ter sido o “Real/Surreal” um lançamento importantíssimo para a continuação da elevação do nome da Scalene no cenário nacional, uma vez que com o álbum alçaram passos mais largos e chegaram a relevantes festivais como o South by *Southwest* (SXSW), em Austin (Texas, EUA), e o *Lollapalooza* Brasil.

1.4 Grammy Latino

Com tanto crescimento por meio do “Real/Surreal” a banda busca agora avançar no que

⁵Dados do dia 21/09/2017 às 11h03.

Link para o videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=KqXpKibOaxA>

se refere a uma identidade mais clara e consciente. Foi em 2015 que ocorre o lançamento do novo trabalho, o CD “Éter” com as 12 faixas: Sublimação, O Peso da Pena, Histeria, Fogo, Gravidade, Furacão, Terra, Náufrago, Alter Ego, Tiro Cego, Loucure-Se, Legado. Os próprios integrantes alegaram terem definido nesse álbum a sonoridade do grupo de forma concisa. Como já havia acontecendo desde os trabalhos anteriores uma intensa propagação do som da banda, com esse novo álbum não foi diferente. Mais uma vez o grupo se mostrou inovador em suas canções a ponto de com o “Éter” conquistarem no Grammy Latino o prêmio de Melhor Álbum de Rock em Língua Portuguesa.



Scalene comemorando o Grammy Latino de Melhor Álbum de Rock em Língua Portuguesa (Foto: Arquivo Pessoal)

Ainda no ano de 2015 a banda é selecionada para participar do Reality musical “*Super Star*” transmitido pela Rede Globo. Com coragem eles enfrentaram o desafio de se apresentarem frente a jurados músicos como Sandy, Paulo Ricardo e Thiaguinho, além da exposição em rede nacional. O programa era transmitido nas noites de domingo e a votação do público era somada com a dos jurados gerando um ranking das bandas, o qual indicava quais continuariam na disputa e quais seriam eliminadas em cada episódio.

O público, assim como o júri técnico, demonstrou ter gostado muito da banda, tendo em vista as grandes pontuações alcançadas nas apresentações. Músicas do CD “Real/Surreal” e “Éter” foram interpretadas de forma reduzida, pois o programa exigia apresentações com apenas 2 minutos de duração, o que gerou a necessidade de arranjos para enquadrar as músicas no tempo determinado. Scalene seguiu firme em todo o *Reality*, passando etapa por etapa até alcançar a final contra a dupla Lucas e Orelha. No dia da final do programa ocorreu

um erro técnico, pois as músicas eram interpretadas com playback instrumental e os vocais ao vivo. Assistindo o programa percebi que a equipe da sonorização soltou a música no segundo compasso, o que atrapalhou a entrada de toda a banda. Após as votações foi dado o resultado de que os vencedores foram Lucas e Orelha. Hipoteticamente interpreta-se que o erro da equipe tenha contribuído para votos negativos do público leigo para a banda Scalene, podendo aquele ter entendido o fato como erro do grupo

Mesmo com o segundo lugar no Reality, a exposição ao grande público brasileiro contribuiu muito na propagação da banda entre pessoas que talvez nunca escutassem a Scalene.

1.5 CD magnetite e o Rock in Rio

Após o Éter que foi um disco de transição para a sonoridade da banda, Scalene lança o magnetite. O álbum veio com uma sonoridade complexa, timbres muito bem estruturados, arranjos bem articulados, poliritmias e muita influência da música brasileira. Na música “extremos pueris” encontramos células rítmicas do Samba. “esc (caverna digital)” é um baião com guitarras distorcidas de extremo bom gosto. No geral a banda mostrou que evoluiu muito desde o último trabalho de estúdio e que veio pra ficar ser um marco no Rock da atualidade no Brasil. As músicas do magnetite são “extremos pueris”, “ponta do anzol”, “cartão postal”, “esc (caverna digital)”, “distopia”, “frenesi”, “maré”, “fragmento”, “trilha”, “velho lobo”, “heteronomia” e “phi”. Com influências perceptíveis de bandas como Queens of The Stone Age, O’Brother, Thrice, a banda mistura o Post-Hardcore com o Stoner, além de adicionar timbres eletrônicos ao rock’n’roll. As letras do CD trazem temas de confissão pessoal, crítica política e religiosa.

Em 2017 a Scalene se apresentou no Rock in Rio, dividindo o palco mundo (principal palco do festival) com Aerosmith, Def Leppard e Fall Out Boy, entre outras bandas. Nessa oportunidade a banda mostrou para centenas de milhares de pessoas o que faz de melhor em seus álbuns: caminhar entre o peso e a calma, a agressividade e a profundidade. É estimado que pelos menos 100 mil pessoas assistiram presencialmente a performance da Scalene naquela noite.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Os tópicos a seguir foram utilizados para a definição de alguns conceitos tais como: Educação formal, não formal e informal, autodidatismo e práticas de aprendizagem musical em bandas de Rock.

2.1 Contexto de Aprendizagem Musical

Para que seja possível um entendimento acerca das relações ocorridas na aprendizagem musical de um instrumentista, é necessário em primeiro lugar definirmos quais as possíveis variáveis envolvidas nesse processo de obtenção de conhecimentos e habilidades musicais.

2.1.1 Educação Formal, Não Formal e Informal

O foco dado nessa etapa de pesquisa será baseado em três formas de aprendizagem (formal, não formal e informal), além do autodidatismo, assuntos que são discutidos por diferentes áreas do conhecimento como a Musicologia, Sociologia e a própria Educação Musical.

Em levantamento bibliográfico realizado em base de dados da Capes⁶ (Teses e Dissertações), periódico nacional na área de música⁷ e o próprio Google Acadêmico⁸, foram encontrados trabalhos de autores como Wille (2005), Menezes (2010), Lima (2010), Bastos (2010) que abordam os diferentes contextos de aprendizagem e como estes interferem na forma como se aprende Música.

Uma variável para a precisão do mapeamento de determinada trajetória musical é o contexto no qual o músico aprendeu e se desenvolveu. Com o avanço da tecnologia e a disseminação de conteúdos na internet, a informação vem se tornando cada dia mais acessível a uma significativa parcela da população que utiliza essa ferramenta. Frente a tantas formas de adquirir conhecimento não se pode afirmar que se aprende Música ou qualquer outra atividade apenas na escola ou com professores particulares (LIBÂNEO, 2000). Existe uma busca por parte dos teóricos da Educação pelo despertar para a urgência de um diálogo entre as diversas formas de construção do conhecimento que não estão dentro dos limites da educação formal (GOHN, 2010, *apud* COSTA, 2014). Com uma

⁶ <http://www.capes.gov.br/>

⁷ <http://www.abemeducacaomusical.com.br/>

⁸ <https://scholar.google.com.br/>

varredura na literatura existente é possível constatar que existem pesquisas de autores como Callaway (1973), Brembeck (1973), Paín (1992), Dumazedier (1994) contextualizando o ensino em formal, não formal e informal, definindo esses conceitos, assim como abordando as características peculiares de cada um deles.

Três pesquisadores que analisaram este tema de forma sistematizada foram Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973). Eles definem a educação informal como sendo um processo no qual os indivíduos adquirem habilidades, atitudes, conhecimentos e valores ao longo da vida. Esse processo ocorre por meio das exposições do indivíduo às experiências do dia a dia, no sentido de estímulos e inibições, sendo que o próprio ambiente exerce certa influência educativa. Segundo os autores toda essa influência que parte do ambiente está submetida a diversas variáveis como a própria família, a mídia, o trabalho, etc. Um fato interessante é que os pesquisadores reconhecem que de tudo o que se aprende durante a vida, a maior parte é adquirida por meio da educação informal, mesmo esta sendo, muitas vezes, responsável por apresentar um caráter assistemático e desordenado (COSTA, 2014).

Como definição do termo “ensino formal” Coombs, Prosser e Ahmed (1973) trazem a referência de um sistema escolar onde ocorre divisão do conhecimento de forma gradual em um determinado período. Esse sistema abrange então todos os possíveis níveis de ensino, desde a escola primária até cursos de pós-graduação, não deixando de incluir cursos profissionalizantes ou técnicos.

Estes autores entendem que a educação não-formal é aquela que ocorre fora do sistema formal citado acima, porém de forma organizada e com atividades educacionais sistematizadas. Essas atividades sistematizadas nem sempre são pensadas inicialmente como projetos educacionais, sendo muitas vezes preparadas para outros objetivos como o próprio lazer ou saúde. A educação não-formal então vista sob este prisma pode ser entendida como aquela que abarca componentes educacionais de programas projetados para atenderem a metas de desenvolvimento amplas, bem como a objetivos mais acadêmicos” (ibid, 1973, p. 12)

Em meio à contextualização da definição dessas três formas de aprendizado surge a máxima de que não devemos acreditar que há uma maneira apenas de aprender ou ensinar música. O fato é que são processos diferenciados que ocorrem em variados contextos. De acordo com Folkestad (2006) os processos de aprendizagem musical caminham em uma espécie de diálogo entre os elementos característicos de contextos estruturados – formais – e outros elementos que se dispõem no cotidiano de todos nós – informais. Ou seja, os teóricos citados concordam que ocorre certa interação dos diferentes processos de educação em

qualquer que seja o contexto de aprendizagem, uma vez que ao mesmo tempo reforçam suas características específicas e fundem suas fronteiras no processo de inter-relação.

“Estes elementos devem ser vistos como dois pólos de um continuum; na maioria das situações de aprendizagem, ambos os aspectos da aprendizagem estão presentes em vários graus, interagindo no processo de aprendizagem” (FOLKESTAD, 2006: 143).

2.1.2 Autodidatismo em Música

Assim como o tema da educação formal, não formal e informal, outro conceito que está relacionado com a pesquisa em aprendizado musical e merece destaque é o autodidatismo. Sabe-se que alguns músicos – como Djavan⁹ e Jimi Hendrix¹⁰ – construíram seu conhecimento musical por meio do autodidatismo e possuem prestígio no mercado profissional há anos.

Para um alinhamento das compreensões no que se refere ao termo, é necessário inicialmente definir a expressão “Autodidata”. Em uma rápida pesquisa ao *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa* (1988) é possível encontrar a seguinte definição: “Que ou quem se instruiu ou se instrui por si, sem o auxílio de professores”. Em uma segunda fonte, o *Dicionário de Termos e Expressões da Música* de Henrique Autran, existe uma definição mais específica de Autodidata no contexto musical como sendo “Aquele que aprende a compor, cantar ou executar um instrumento sem a participação decisiva de um professor”. Em termos mais simples pode-se entender, baseado nas duas referências acima, o Autodidata como quem aprende sem professor.

Fernando Fernandes (2008) em sua Monografia de Conclusão de Curso com o foco na pesquisa do Autodidata em Música define em determinado momento três “modelos para se pensar a figura do autodidata” baseados no senso comum. O primeiro seria o *Autodidata Puro*, aquele que cria os seus próprios métodos e aprende com eles sem qualquer interferência externa, ou seja, gozando de total autonomia. Essa figura é idealizada e inexistente, uma vez que não é possível comprovar sua existência. O segundo modelo seria o *Autodidata Não-Puro*. Este possui traços do *Autodidata Puro*, mas existe uma certa mescla com o aprendizado informal definido no tópico acima. O autodidata pode frequentar aulas por um tempo não significativo, fazendo com que nesse modelo ele absorva alguns conhecimentos provenientes da observação no contexto informal, mas nesse caso não existe a relação mestre – aprendiz. O terceiro e último modelo sugerido no trabalho de Fernandes

⁹ <http://www.djavan.com.br/site/bio>

¹⁰ <http://oguitarrista.com/blog/jimi-hendrix-guitarrista/>

Fernando (2008) é o do *Autodidata por Observação*, no qual o aprendizado ocorre pela imitação e pela própria submersão cultural, musical e em práticas sociais. O autor deixa claro os modelos não são exclusivos e que um mesmo autodidata pode apresentar características dos três tipos.

É importante destacar que apesar das definições destacarem que o autodidata aprende sem a participação de um professor, não significa que ele aprende sozinho completamente. Outras pessoas (amigos, familiares) ou meios (revistas, materiais didáticos, vídeos, internet) assumem esse papel de transmissores do conhecimento. Acredito que ser autodidata é organizar todo esse conteúdo recebido por esses meios, ou fruto da aprendizagem de amigos e familiares, e definir estratégias e meios para se atingir metas e objetivos pessoais.

2.2 Práticas de aprendizagem musical em bandas de Rock

Em seu artigo intitulado “Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock” Jusamara Souza, juntamente com Liane Hentschke, Adriana Bozzetto, Elisa Cunha e Karine Cunha apresentam parte dos resultados de um projeto de pesquisa com o foco em processos pedagógicos musicais fora da escola. O objetivo do trabalho é analisar as práticas musicais de três bandas de rock no que diz respeito a dinâmica dos ensaios, composição, execução musical, entre outros processos.

Na seção de objetivos e método fica a reafirmação do objetivo central do projeto de identificar pontos de convergência e divergência entre os processos pedagógicos dentro e fora da escola. Explicaram como analisaram os processos musicais das bandas e como delimitaram as etapas para atingir o objetivo. As autoras explicam ainda que a escolha dos participantes foi baseada na disponibilidade em participar da pesquisa dos integrantes das bandas descobertas por meio de um mapeamento das escolas de ensino fundamental e médio de Porto Alegre que oferecem educação musical. As entrevistas semi-estruturadas eram realizadas depois dos ensaios. Segundo elas, esse procedimento permitiu que se evitasse tendenciosidade na condução dos ensaios.

Em um terceiro tópico é feita a apresentação e discussão sucinta dos principais resultados obtidos, divididos em: Aprender música; A prática musical: compor, apreciar e executar; Sobre a leitura e escrita musical; A aula de música versus a música das bandas.

Como resultado do tópico “Aprender música” as autoras chegaram a discussão de que para as três bandas participantes da pesquisa o aprender música tem relação com experiências que se desenvolveram no decorrer do tempo. O processo de aprendizagem

informal dos estudantes fez com que aprendessem música com familiares, amigos, além da presença do *Autodidatismo não-puro* definido no trabalho de Fernandes Fernando (2008) com relação a utilização de revistas que ensinam a tocar. Outro fator interessante é o de que muitas vezes as aulas particulares estão em paralelo com a aula de música da escola.

Sobre a prática musical as autoras explicam que as composições eram feitas no geral separando a música e a letra. Cada membro do grupo individualmente explorava seus materiais musicais e o resultado disso gerava a parte musical. O processo foi descrito como desenvolvido a partir de tentativas e erros, entretanto sem a consciência de quais seriam os problemas musicais. Foi descrita ainda a chamada “colagem musical” realizada pelas bandas que consistia em utilizar variações de progressões padrões do repertório que ouviam. A execução em si era imitativa e o momento de apreciação musical no ensaio era voltado para que cada integrante pudesse ouvir seu instrumento e aprender sua parte.

Finalizando o artigo são feitas as considerações finais, nas quais são pontuados aspectos nos quais os resultados contribuem para o avanço teórico e prático da educação musical.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho está pautada na Pesquisa Qualitativa. Godoy (1995) em seu artigo sobre tipos de pesquisa define este termo e explica que é uma alternativa muito utilizada atualmente entre tantas formas de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais. Segundo a autora, na Pesquisa Qualitativa a forma como o pesquisador captura os dados é indo ao campo buscá-los diretamente por meio das perspectivas das pessoas que estão envolvidas no fenômeno a ser estudado. Dessa forma são considerados todos os pontos de vistas relevantes, que serão analisados para que seja possível entender a dinâmica do fenômeno. Após a definição do termo a autora organiza em três possibilidades: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Nessa etapa será explanado o que é um estudo de caso e como essa metodologia pode ser útil na captação e interpretação dos dados.

Explicando o motivo pelo qual pesquisadores costumam adotar o estudo de caso como tipo de pesquisa, Godoy afirma que:

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real (GODOY, 1995, p.25)

Ainda segundo a mesma autora (GODOY, 1995), o objeto a ser estudado em um estudo de caso será analisado intensivamente. O propósito então desse tipo de pesquisa é buscar um enfoque descritivo e exploratório. Deve-se utilizar a observação e a entrevista como técnicas fundamentais de obtenção de dados. Por estar trabalhando com um caso específico, é natural que a pesquisa produza um estilo informal e narrativo, sendo ilustrada com descrições fornecidas pelos próprios sujeitos. Fotos, colagens ou outros materiais que transmitam o caso também são muito utilizados.

Um fato interessante sobre a pesquisa qualitativa é que esta pode, sem qualquer problema, comportar dados de caráter quantitativo para tornar mais claras questões específicas a serem analisadas. Entretanto, quando ocorre a incorporação desses dados, não costumam ser abordados por meio de tratamentos estatísticos sofisticados.

3.2 Estabelecimento da amostra

A princípio a pesquisa seria desenvolvida com uma amostra maior, ou seja, seria um trabalho que abordaria diversas bandas de Rock do contexto independente do Distrito Federal. Seria executada a técnica do *Survey*, o que geraria uma grande massa de dados para análise. Após alguns momentos de planejamento e reflexão, chegou-se à conclusão que o tempo reduzido para a realização do trabalho não permitiria a execução de uma coleta dessa grandeza. Surgiu então a ideia de diminuir a amostra para um número menor de bandas. Ainda assim o planejamento mental demonstrava que a coleta e análise dos dados deixariam a desejar.

Para que o estudo pudesse então gerar análises e reflexões, optou-se por reduzir a amostra a apenas uma banda. Para isso a banda deveria ser representativa dentro do cenário nacional do Rock, então baseado nos fatos dispostos na introdução deste trabalho, a escolha foi a banda Scalene. Com 4 integrantes, a captação dos dados seria possível e traria informações suficientes para serem analisadas e relacionadas com a bagagem teórica em um curto espaço de tempo.

Um fato que também encaminhou a escolha da banda foi o contato que possuo com o baixista. Cerca de 2 anos atrás o Lucas Furtado, baixista da banda, anunciou a venda de um contrabaixo 5 cordas e eu fui o comprador. Para testar o instrumento fui até a casa do músico e ali conversamos um pouco sobre música, sobre a banda e sobre minhas atividades também como músico. Desde então possuo o número de contato pessoal do integrante onde enviei algumas mensagens sobre o trabalho de pesquisa. Apesar de não ser amigo pessoal dos integrantes, acompanho a banda desde 2013. Na época ainda não existia essa grande massa de fãs, o que facilitava um contato mais tranquilo após os shows. Com isso os integrantes já conheciam pelo menos a minha fisionomia desde os eventos mais antigos, fato que também auxiliou na hora do convite para participarem da pesquisa.

Para que fosse preservado o critério ético na pesquisa, os integrantes e o produtor da banda Scalene foram comunicados sobre o uso dos dados coletados para a execução do trabalho. Após a devida autorização, partimos para a etapa da coleta propriamente dita.

3.3 Técnica de coleta de dados

Acerca do próprio desenvolvimento da pesquisa, é importante que o pesquisador entenda o processo de suas decisões, tendo em vista que é muito raro que o objeto de estudo não tenha sido procurado diretamente. Logo quem está à procura do conhecimento científico deve definir os caminhos a serem traçados para que ao final do recolhimento e análise dos dados, as informações sejam reais e relevantes. Abaixo será descrito o passo a passo seguido para buscar as informações quanto a aprendizagem musical dos integrantes da banda Scalene.

A princípio a coleta de dados estava focada na captação de dados que já estavam disponíveis na internet, tanto no site da banda quanto em outras plataformas como o Facebook, Instagram e YouTube. Por meio dessas plataformas foi feita uma busca por entrevistas e os números coletados geraram respaldo para a construção do capítulo que descreve brevemente a história da Scalene. Essas informações foram significativas, pois estavam ligadas principalmente às conquistas da Banda sendo relatadas pelos próprios integrantes, o que nos garantiu a veracidade dos fatos. Outras informações que não estavam disponíveis nas redes sociais ou em outras mídias também seriam importantes para a compreensão da trajetória musical de cada um dos integrantes, o que gerou a necessidade de uma outra técnica de coleta desses dados.

Para que fossem captadas respostas que não estavam previamente disponíveis sobre o percurso do aprendizado musical dos integrantes, cogitou-se a aplicação de entrevista semiestruturada com os músicos de forma individual. Essa técnica de coleta de dados amplamente utilizada na pesquisa qualitativa é explicada por Gerhardt e Silveira(2009) como sendo muito útil para responder algumas questões previamente elaboradas e algumas outras que venham a surgir no decorrer do processo de entrevista, ramificando o tema principal em outras áreas de importância da pesquisa. Entretanto, com a grande dificuldade de comunicação com a banda devido a agenda de shows, mudança de estado de alguns integrantes, não foi possível agendar presencialmente as entrevistas. Dessa forma optou-se pela entrevista estruturada com dois integrantes e com os outros dois foi realizado um questionário aberto. A entrevista estruturada foi adotada para este trabalho por ser indicada para a situação na qual o pesquisador busca por diferentes respostas para a mesma pergunta para na etapa de análise dos dados existir a possibilidade de comparação.

O roteiro com as questões utilizadas de base para a entrevista feita com os integrantes da Scalene pode ser acessado no Anexo I ao fim do trabalho, onde se traduz o cuidado com a formulação das perguntas para que gerassem respostas descritivas. No caso dessas entrevistas,

os músicos responderam por áudio via *WhatsApp*, facilitando assim a obtenção das respostas de forma mais agilizada.

Durante o processo de coleta de dados, foi realizada a aplicação de questionário com dois dos integrantes por escolha própria dos músicos. Apesar do questionário poupar tempo, facilitar na tabulação dos dados e de certa forma evitar a influência do pesquisador nas respostas, a entrevista possui a vantagem de apresentar uma maior flexibilidade, capturar (quando gravada) as entonações utilizadas em cada resposta, proporcionar uma maior garantia de resposta e com maior profundidade do que por meio de questionário. Essas relações estão dispostas na página 73 do livro “*Métodos de Pesquisa*” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

3.4 Técnica de análise de dados

As perguntas feitas no questionário¹¹ e nas entrevistas (mesmas perguntas) geraram respostas quanto à trajetória da aprendizagem musical desde o primeiro contato dos músicos com o instrumento até os dias de hoje e captaram opiniões interessantes acerca da contribuição da banda no desenvolvimento musical dos integrantes. Baseado nas respostas ao questionário¹² em paralelo com dados retirados de uma entrevista da banda para a revista Traços¹³, a trajetória de cada integrante foi interpretada e analisada pelos prismas da aprendizagem informal, não-formal e formal nos quais ocorreu a categorização do processo nos seguintes tópicos: *primeiro instrumento, trajetória inicial, motivação para aprender o instrumento, faz aula atualmente, limitações no desenvolvimento, contribuição da(s) banda(s) no desenvolvimento musical e conceitos absorvidos em música*.

Na análise da aprendizagem não-formal e formal não há como negar que os processos coexistem. Ao passo que elementos do não-formal estão contribuindo para o amadurecimento da banda e dos indivíduos enquanto músicos, o formal também coopera no sentido de trazer conceitos e a sistematização dos conteúdos vivenciados.

Para que fosse possível a organização, análise e comparação das informações obtidas, os dados foram organizados em uma tabela¹⁴ conforme a divisão explicada acima. Na tabela está uma simplificação das respostas referentes às perguntas feitas sobre cada tópico.

¹¹ Questionário disponíveis para consulta no anexo I

¹² Respostas ao questionário disponíveis para consulta no anexo III

¹³ Edição 19, Agosto/2017 Nº 19, p.8- 19.

¹⁴ Tabela disponível para consulta no anexo III

4. RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Na análise dos dados organizados na Tabela¹⁵ foi possível compreender pontos importantes da trajetória musical de cada integrante da banda Scalene no que se refere à aprendizagem. Os principais pontos desta análise de resultados derivam da forma como cada músico enxerga a sua própria aprendizagem. As perguntas do questionário foram elaboradas para gerar comparação entre a trajetória de aprendizagem musical de cada integrante em 8 tópicos principais. A partir dessa organização foram obtidos os resultados descritos abaixo:

4.1 Primeiro instrumento

O resultado da primeira pergunta para cada integrante é algo que chama a atenção. Os 4 responderam que iniciaram sua caminhada musical aprendendo violão. Gustavo, Thomas e Lucas fizeram aula particular em casa, enquanto Phillipe aprendeu os primeiros acordes com o irmão mais velho e seguiu no aprendizado autodidata. Thomas e Lucas relataram perda de interesse no estudo do instrumento.

Comecei pelo violão com aulinhas em casa. Depois perdi o interesse por uns anos e só voltou com o Scalene quando já tinha 18 anos. Aprendi de fato a tocar guitarra com a banda e por volta de 2012 aprendi a tocar piano/teclado também. (Tomás)

Comecei tocando violão, tendo aulas. Não tinha muita noção do que eu queria de fato com isso. Logo perdi o interesse no violão porque achava as possibilidades sonoras um pouco limitadas (embora eu não soubesse nada, eu achava que sabia o suficiente pra afirmar isso. Arrogância de jovem/iniciante). (Lucas)

Pode-se perceber pelos relatos que as aulas de violão no início da aprendizagem foram encaradas sem o objetivo de se tornarem grandes músicos, conforme destacou Lucas:

Quando eu de fato comecei a tocar era algo meio sem objetivo. Achava legal e me divertia no processo mas não havia uma grande motivação por trás, apenas meu interesse por música em geral. (Lucas)

O termo utilizado pelo guitarrista Tomás Bertoni “aulinhas em casa” soou de certa forma pejorativo, indicando que provavelmente as aulas não eram vistas como um estudo sério do instrumento.

¹⁵ Consultar Anexo III

4.2 Trajetória inicial

Intimamente relacionado com o primeiro instrumento, este tópico tem como objetivo destacar os primeiros passos no estudo da música antes do foco no instrumento que cada integrante toca na Scalene, tendo em vista que todos começaram o estudo pelo violão, mas alguns caminharam por outros instrumentos antes do surgimento da banda.

Tomás foi um integrante que após perder o interesse no violão, só voltou a se dedicar a um instrumento com a formação da Scalene, onde aprendeu a tocar guitarra e posteriormente piano/teclado. Gustavo, por sua vez, parou as aulas de violão por conta da dedicação ao basquete, que era o seu foco até que um problema cardíaco o impedisse de seguir carreira no esporte. Ainda antes de ter a guitarra como seu instrumento principal, fez aulas de bateria e canto, além de tocar baixo, teclado e bateria na banda da escola. Segundo o relato do integrante, a escola foi um local onde ele pôde desfrutar de uma boa experiência musical, tocando variados estilos e vivenciando práticas que acrescentaram à sua aprendizagem.

[...] foi um aprendizado legal. Tocava um pouquinho de Jazz e um pouquinho de música de Big Band, assim, umas trilhas sonoras, umas coisas assim. Foi uma vivência legal também. (Gustavo)

Lucas destacou que após a perda de interesse no violão, o que o satisfazia mais foi o estudo autodidata e de outro instrumento: a guitarra. Durante esse período o músico montou bandas de garagem “bem de brincadeira para tocar com amigos”. Philipe foi o integrante que mais apontou o fato de ter aprendido diversos instrumentos musicais como autodidata. O músico montou uma banda com os amigos onde passou a tocar baixo e depois guitarra e afirmou que além de ter desenvolvido habilidades como de execução de *Riffs* na guitarra, ainda aprendeu a tocar teclado como um desafio, uma vez que o instrumento estava parado na casa de um amigo.

E a princípio essa foi a trajetória inicial assim. Eu comecei pelo baixo fui para guitarra, comecei a aprender a tocar teclado, comecei a tocar bateria tipo, sei lá, devia fazer 2 meses assim que eu tinha tentado tocar quando fui chamado para banda aí e tudo aprendi sozinho, nunca tive muita vontade de fazer aula porque eu sempre fiquei com medo de me enquadrar demais ou sei lá, ficar muito quadrado, né? Mas foi uma imbecilidade [risos], eu devia ter feito algo. (Philipe)

No trecho da resposta do integrante citado acima é possível constatar o mesmo receio que muitos músicos autodidatas possuem. O baterista destaca que nunca teve muita vontade de fazer aula por conta do medo de ser “moldado” por algum padrão imposto. Nas palavras dele, o medo era de se “enquadrar demais”, “ficar muito quadrado”. O interessante é que logo

após ele finaliza deixando claro que se arrepende e que deveria “ter feito algo” – aqui claramente uma alusão à aprendizagem formal, ou seja, aulas de bateria (seja em algum instituto/escola/conservatório ou por meio de aula particular).

Refletindo acerca desses dados, como professor de música questiono sobre quantas vezes é deixada de lado a criatividade, a expressão do aluno para dar foco apenas na questão técnica, na leitura de partitura e outros exercícios que acabam de certa forma podando um músico inovador em potencial. Estes exercícios devem sim ser abordados nas aulas, porém como educadores musicais, devemos dar em nossas aulas o direcionamento necessário para que o aluno estude a parte técnica, mas também trabalhe questões importantíssimas para o desenvolvimento como a composição e a apreciação. Esses dois pilares, juntamente com outros três compõem o modelo C(L)A(S)P - Composição, Literatura (*Literary Studies* - Estudos literários), Apreciação, Técnica (*Skills* - Habilidades) e Performance - proposto por SWANWICK (2003). O modelo privilegia a Composição e a Performance (execução musical) como prioridades, mediadas pela Apreciação, enquanto a Literatura e o desenvolvimento da Técnica seriam atividades de suporte.

4.3 Motivação para aprender o instrumento

Assim como as respostas para a primeira pergunta do questionário, as respostas dadas pelos integrantes quanto à motivação para aprender o primeiro instrumento convergiram para um padrão. Nos quatro casos houve influência da família. Tomás e Gustavo, que são irmãos, tiveram a influência da mãe.

Motivação inicial foi essa que eu falei na pergunta anterior mesmo: minha mãe tocava, eu achava “da hora” e ela colocou a gente pra tocar, pra aprender e foi isso. (Gustavo)

Lucas teve a influência dos tios que costumavam tocar violão nas reuniões de família, geralmente músicas do gênero Sertanejo. Segundo o integrante, esse foi o seu primeiro contato com a execução de música.

Philipe destaca que sua motivação para aprender o primeiro instrumento veio do irmão: “Eu comecei tocando violão porque meu irmão tocava violão e é meu irmão mais velho aí eu aprendi a tocar com ele um pouquinho só.”

O interessante quanto a esse tópico é que houve uma motivação inicial para começar a aprender um primeiro instrumento, seja por aula (formal) ou pelo autodidatismo – no caso do baterista Philipe, mas todos os integrantes deixaram claro em suas respostas que a motivação para realmente estudar música e a evolução musical de fato ocorreu com a formação da Scalene: “Não tinha uma motivação grande antes da banda pra estudar música” (Thomas, grifo meu), “Pro desenvolvimento musical ter uma banda é maravilhoso sim, é primordial. Não tem regra de como desenvolver musicalmente, mas com certeza uma das formas mais eficientes por mil motivos” (Gustavo, grifo meu), “Eu acho que foi o que mais contribuiu pro meu desenvolvimento musical [a participação na Scalene], porque isso sempre me motivou a aprender mais” (Philipe, grifo meu).

[...] quando minha atual banda (Scalene) foi formada, passei pro baixo e desde então minha evolução com músico cresceu exponencialmente, causada tanto pela identificação com o instrumento como pela oportunidade de me profissionalizar como músico dessa maneira. (Lucas, grifo meu)

Destaco que segundo o trabalho de Janaína Condessa (2011) pode-se analisar a questão da motivação segundo os fatores individuais, os fatores ambientais e ainda segundo a interação entre os dois. Janaína explica que desde os primeiros estudos sobre a motivação humana, os fatores individuais foram destacados. Existiu ali uma mudança no foco dos estudos. Entre a década de 40 e 60 a maior parte das teorias que dominavam estavam em torno da argumentação de que o comportamento humano é motivado por impulsos

fisiológicos ou recompensas (ênfase na biologia). Já nos anos 70 o foco foi para a cognição pessoal e do contexto social. Dentro dos fatores individuais, segundo Hallam (2002) as características envolvidas na motivação são: personalidade – formada por interações e *feedback* do ambiente -, autoconceito – opinião da pessoa sobre si mesma, suas habilidades e capacidade - e metas – objetivos com a música para o futuro.

Sobre os fatores ambientais o autor Susan Hallam destaca duas categorias que se relacionam com a motivação: pessoas e contextos. Pessoas são os adultos (pais, professores e família) e os pares (amigos e colegas). Contextos são os espaços em que ocorrem os processos de ensino e aprendizagem musical. No caso dos integrantes da Scalene a própria banda é um grande contexto social de aprendizagem musical, além dos espaços físicos de ensaio e gravação (estúdios). Philipe destaca a relação com outras bandas como sendo também um contexto social de aprendizagem:

Então eu diria que acaba ensinando bastante esse convívio com outras bandas, mesmo não sendo nenhuma que eu tenha tocado. Por exemplo, agora a gente trabalhou com o Francisco el Hombre e foi muito massa de escutar o que eles estão escutando, ver o que eles estão gostando e dar uma escutada nisso até pra escutar coisas que eu não conhecia antes ou que eu as vezes podia ter algum tipo de preconceito, mas conhecer o melhor desse lado da música de outro gênero ou até de outra banda que eu não conheça. (Philipe)

Seria interessantíssimo trabalhar mais a fundo com o campo da motivação no âmbito da aprendizagem musical, entretanto, devido à imensa carga teórica desse objeto de estudo, à natureza do trabalho e ao espaço de tempo para a finalização desta monografia, optou-se por não adentrar profundamente no tema.

4.4 Faz aula atualmente?

Nesse tópico os quatro músicos, ou seja, todos os integrantes da banda deram a resposta negativa. Tomás registrou que desde que começou a tocar na banda Scalene fez apenas algumas aulas de guitarra e algumas de piano. Afirmou que todos os integrantes têm uma linha mais autodidata, que fizeram aula - pontualmente pra dar um direcionamento –, mas seguiram aprendendo “sozinhos”. Nesse ponto é importante observar que em algumas respostas os músicos se colocam como autodidatas e de fato o são, mas é necessário que estejam bem claras as definições propostas por Fernando Fernandes (2008) e descritas na revisão de literatura desse trabalho.

O termo correto para definir os integrantes da banda Scalene é *Autodidata Não-Puro*, uma vez que tiveram aulas para direcionamento, mas a maior parte da aprendizagem veio da observação em um contexto informal. Em sua pesquisa, Fernando Fernandes deixa claro que as três definições propostas não são excludentes entre si, mas pelo contrário interagem e é possível que um músico possua características das três formas.

Gustavo Bertoni declarou que já fez algumas aulas, mas atualmente não faz aula de nenhum instrumento e afirmou que se fosse trabalhar com algum professor, seria na área de Produção Musical.

Lucas, baixista da Scalene explica os motivos pelos quais não faz aula atualmente:

Por falta de tempo e por ter dificuldade em me adequar aos métodos apresentados pela maioria dos professores/institutos. Nos últimos 3 ou 4 anos estudo com afinco a exploração sonora e os "limites" da sonoridade do contrabaixo. É uma busca por textura sonora mais do que por técnica ou teoria. Os métodos e professores que encontrei são totalmente baseados em noções clássicas do instrumento (que considero MUITO importante para criar a base no aluno, mas é muito restrita para meus objetivos como instrumentista). Dito isso, sinto um pouco de treinamento formal em teoria que compenso estudando por conta própria sempre que possível. (Lucas)

Aqui voltamos mais uma vez no assunto da motivação. Lucas demonstra estar motivado no estudo do instrumento, mas que seu objetivo não bate com o que os professores ou institutos colocam como prioridade no ensino dos instrumentos. Muitas vezes o foco é quase que completamente a técnica e a teoria e no caso do músico o objetivo é explorar a sonoridade do instrumento em questão de efeitos (timbres). Na minha experiência como professor de música vi muitos alunos desistindo das aulas por conta da incompatibilidade de objetivos. Vários alunos iniciam a aula de instrumento particular ou em institutos com o sonho de tocar uma música que gostam, mas os professores não sensíveis a esse desejo focam extremamente na parte técnica/teórica e pouco no real objetivo do aluno, causando desmotivação e perdendo a oportunidade de mostrar na prática o motivo da necessidade de

conhecer a teoria musical e de desenvolver a técnica no instrumento.

Philipe explica que no seu caso o desinteresse por aulas de bateria na atualidade veio da falta de conexão com seu professor no início da trajetória de aprendizagem do instrumento, ratificando a influência do professor na motivação como um fator ambiental (HALLAM, 2002).

Eu fiz durante acho que 2 meses (2013 ou 2012) aula de bateria, mas eu não gostei do meu professor, não achei nada que me chamasse atenção, que me prendesse nas aulas, ele não teve tanta conexão, eu não tive uma conexão boa com ele, assim, então eu acabei nunca fazendo aula. (Philipe)

O músico descreve a forma de estudo que adota para continuar avançando no instrumento como autodidata. Explicou que foca em exercícios que vê em vídeo no *YouTube*, além de trabalhar com livro de exercícios em *PDFs*¹⁶. Com o avanço da tecnologia a internet se tornou um grande recurso na aprendizagem musical autodidata, principalmente com o advento das plataformas de vídeo, onde é possível visualizar a execução dos exercícios no instrumento e aprender por observação.

¹⁶ Formato de documento de texto digital.

4.5 Limitações no desenvolvimento

A quarta pergunta feita para os integrantes foi em relação a alguma possível limitação no desenvolvimento em seus respectivos instrumentos. O questionamento foi pensado já com a hipótese de que os músicos possuíam grande parte da trajetória musical como autodidatas. Uma vez que esses músicos não tiveram um acompanhamento constante de um professor, a probabilidade de terem passado por algumas dificuldades no progresso técnico é alta. Por isso a curiosidade de entender esse ponto na visão e com a experiência de cada um dos integrantes da Scalene.

Gustavo coloca em seu relato que a limitação é sempre presente. Segundo o guitarrista e vocalista da banda, você sempre tem algo a melhorar e está sempre ciente da sua limitação. Defende ainda que é possível desenvolver algumas habilidades simplesmente escutando, tocando e treinando, já outras só é possível desenvolver com disciplina e método, “estudando da forma certa”.

[...] eu acho que você vai desenvolvendo várias coisas porque você compõe algo que é difícil pra executar, então você fica executando até conseguir apresentar aquilo, aí você vai sempre subindo aos poucos. Você passa a gostar de um estilo musical ou de algum artista que ele tem coisas mais desenvolvidas que você, aí você começa a tentar tipo imitar aquilo, fazer algo parecido e tal e vai desenvolvendo aos poucos.
(Gustavo)

Com base na colocação do músico no trecho citado acima, é possível perceber uma grande relação com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) (VYGOTSKY, 1989). Segundo o teórico da área de Psicologia, a ZDP é a zona compreendida entre o Nível de Desenvolvimento Real – NDR - construto dos saberes e habilidades já adquiridas e fundamentadas (resultados de um desenvolvimento já completado) e o Nível de Desenvolvimento Potencial – NDP – que representa as tarefas possíveis de serem executadas apenas sob orientação de um professor ou de pares. É na ZDP que se concentram as tarefas que conseguem ser executadas por imitação e que posteriormente serão consideradas NDR e servirão de base para uma nova ZDP e assim consecutivamente.

Apesar da ZDP ter sido pensada a partir do estudo do desenvolvimento infantil, o conceito muito pode revelar sobre a forma como os músicos autodidatas aprendem e se desenvolvem em seus instrumentos. Quando Gustavo afirma que compõe algo difícil de tocar, fica praticando até conseguir executar bem e vai sempre evoluindo dessa forma, ou afirma que tenta imitar determinados artistas que possuem técnicas mais desenvolvidas para fazer algo parecido e se desenvolve, fica clara a Zona de Desenvolvimento Proximal no qual mecanismos externos são utilizados para mediar a aprendizagem. Esses mecanismos externos

muitas vezes são vídeos aulas, vídeos de performances, a própria audição focada em tirar trechos musicais de ouvido, um amigo instrumentista que mostra uma nova técnica, etc. De toda forma, o *frontman* da Scalene indica que sua maior limitação no desenvolvimento vem da questão disciplinar, de se praticar com repetição e constância.

Tomás explica em sua resposta que muitos músicos tiram músicas de outras bandas como uma forma de estudar seu instrumento, praticar e evoluir, mas segundo o guitarrista é comum chegar em um momento onde não se sabe mais por onde trilhar o próprio raciocínio. O integrante explica que nessa situação ter algumas aulas pode ser uma forma de ser encaminhado para a direção correta. Destaca também que algumas pessoas se dão bem tendo aulas regularmente.

O baixista Lucas confessa que nas primeiras composições e gravações profissionais da Scalene se sentiu muito limitado pela falta de conhecimento na parte teórica, por conta de ter iniciado no baixo de repente, “do nada”, sem ter tido praticamente nenhum contato prévio com o instrumento. O instrumentista explica que no momento de entrar para o estúdio para gravar o segundo disco da banda, correu atrás desse conhecimento e desde então se desenvolveu muito a cada novo trabalho.

Dentro dessas limitações não senti tanto a necessidade de um professor/tutor porque busquei suprir minhas limitações pesquisando por conta própria a sonoridade, técnica e, em menor grau, teoria do que eu estava tentando alcançar. (Lucas)

Philippe por sua vez ao responder o questionamento deixa claro que nunca sentiu previamente que algo o estivesse limitando, mas que sempre após aprender alguma nova técnica se sente quebrando uma limitação que nem havia percebido que tinha, ou seja, era limitado de forma inconsciente.

4.6 Contribuição da(s) banda(s) no desenvolvimento musical

Nesse tópico a resposta mais uma vez foi unânime. Todos os integrantes afirmaram que a participação em banda foi o que mais contribuiu ou gerou esse desenvolvimento musical. Por este fato, opto por citar a resposta literal de cada músico:

Foi o que de fato gerou esse desenvolvimento. Não tinha uma motivação grande antes da banda pra estudar música. E o desenvolvimento musical acontece de várias formas, não só tocando e treinando um instrumento. Ouvir diferentes estilos, estudar a evolução e os álbuns clássicos de cada nicho da música, entender de timbres, de mixagem e por aí vai. Estar em uma banda profissional e ter sucesso é impossível sem uma evolução constante do conhecimento musical. (Tomás)

[...] você tá sempre convivendo e tocando com caras que tem influências diferentes, são pessoas diferentes, enfim, esse diálogo, essa soma sempre te traz muitos aprendizados pra você desenvolver, um desafio ou outro, mostra sons novos e muito além também, né? Você tipo cria uma vivência, uma intimidade com uma galera, por exemplo, eu já tô a quase 10 anos vivendo com esses caras e tipo você aprende muito sobre tudo, assim. (Gustavo)

Foi o aspecto que mais contribuiu. Em primeiro lugar pq vc toca com outros músicos que podem ser mais ou menos experientes que vc, com diferentes backgrounds na música. Isso exige uma capacidade de adaptação e de absorção bem alta pra que vc consiga tocar nesse ambiente. Além disso, vc se forma a melhorar e criar mais em um ambiente de banda. No meu caso, especificamente, como contrabaixista aprendi a encontrar meu lugar em cada música, a realizar a ponta entre harmonia e célula rítmica e a integrar melodias na minha forma de tocar. Acredito que a experiência de ser músico só se completa em um contexto de banda. (Lucas)

Eu acho que foi o que mais contribuiu pro meu desenvolvimento musical, porque isso sempre me motivou a aprender mais. Não necessariamente o que eu aprendia era por conta das bandas ou do Scalene, tá ligado? Mas quando a gente vai conhecendo outras bandas a gente vai escutando coisas parecidas com elas e vai arranjando novas influências, novas referências, né? Então eu diria que acaba ensinando bastante esse convívio com outras bandas, mesmo não sendo nenhuma que eu tenha tocado. (Philipe)

4.7 Conceitos absorvidos em música

Para finalizar as últimas curiosidades quanto a aprendizagem musical dos integrantes da banda Scalene, foi feita a última pergunta acerca da aprendizagem fora de um contexto formal, sobre os conceitos absorvidos em música e se existem músicos na família.

Tomás explica que praticamente todo o aprendizado musical na área do mercado foi fora de um contexto formal. O próprio guitarrista desabafa que nunca aprendeu nada na escola e o que aprendeu fora da escola foi pontualmente com alguns professores. Explica também que na parte administrativa e empreendedora o que possibilitou a aprendizagem foi o *Network* e a conversa com outras pessoas. Thomas afirma que não possui músicos na família, apesar de esta ter apoiado bastante a trajetória e ter proporcionado um bom ambiente cultural em casa.

No relato de Gustavo, fica claro que o músico busca um fator de certa forma extra-musical para expressar e entender a sua arte. O integrante explica que busca absorver todos os conceitos de música em tudo o que vê, desde uma obra de arte visual até outras possibilidades de interação com os sons.

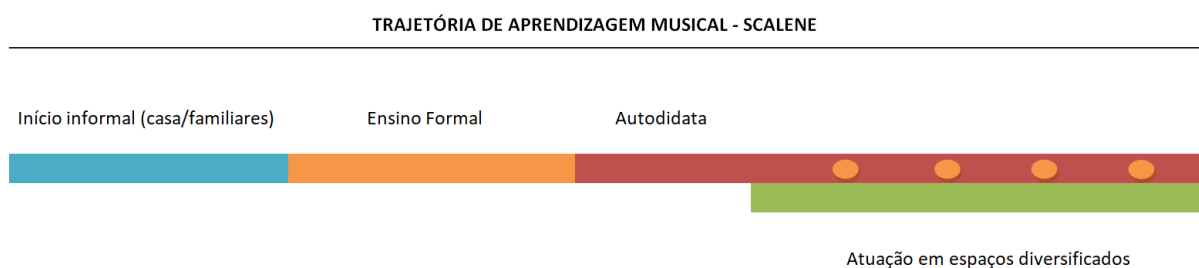
Aquele tipo X de pintura, o que que seria isso num som, sabe? Ou aquelas cores o que seriam isso em notas, sabe? Dá pra você sempre tipo fazer correlações, assim. Inclusive a coisa que eu mais gosto de fazer é realmente correlacionar as coisas. Todos os tipos de artes, de interações e sensações com música, assim, porque tá tudo interligado, né? Música é uma expressão dessas coisas todas, né? É só tipo uma estrutura sonora pra expressar as coisas, então meio que você fica ligado em tudo e sua vivência, sua vida passa a ser expressada dessa forma, assim. Então a gente absorve todos os conceitos de tudo o que a gente consegue. (Gustavo)

Lucas explica que quase todos os conceitos musicais que absorveu durante a vida vieram da experimentação, uma vez que a aprendizagem musical foi praticamente toda fora de um contexto formal:

Minha aprendizagem foi praticamente toda fora do contexto normal, por isso quase todos os conceitos de música que eu absorvi ao longo da vida provém de experimentação, auto educação, prática, prática, prática e troca de experiências com outros músicos. Como falei anteriormente, sinto que sou um pouco defasado no aspecto teórico devido à essa forma de aprendizagem mas o que aprendi e desenvolvi no aspecto de textura sonora, ritmo e execução veio 100% do aprendizado não formal de música. (Lucas)

4.8 Linha do Tempo – Trajetória de aprendizagem musical

De acordo com o relato de cada integrante da banda Scalene, foi gerado uma espécie de gráfico que se aplica para o contexto dos 4 músicos. Este gráfico foi organizado em forma de linha do tempo para que fosse possível enxergar de modo cronológico como ocorreu e ainda ocorre o processo de aprendizagem musical:



No gráfico temos na cor azul o momento descrito como “início informal”, ou seja, o período antes das aulas de Violão em que cada integrante vivenciou e aprendeu música adquirindo habilidades, atitudes, conhecimentos e valores de modo informal – o ambiente exerceu certa influência educativa por meio das exposições às experiências do dia a dia (as reuniões de família com música, a mãe que tocava violão, o pai que colocava CDs para tocar, o irmão que mostrava músicas de algumas bandas, etc).

Na cor laranja está destacado o ensino formal, ou seja, o momento em que os integrantes fizeram de fato aula de instrumento, que no caso foi o Violão para todos. No caso do vocalista Gustavo Bertoni, o músico descreve a participação também na banda da escola, onde declara ter tido experiências importantes com a música instrumental, com o Jazz.

Em vermelho está o período de aprendizagem autodidata. Nesse momento – que segue até os dias atuais – cada integrante passou a estudar seu instrumento por conta própria, sem a presença constante de um professor. Apesar da ausência dessa figura do mestre, foi deixado claro que os músicos em alguns momentos tiveram algumas aulas para um direcionamento (destacadas pelos círculos também em laranja por cima do vermelho no gráfico). Esses contatos com professores não excluem o autodidatismo, pelo contrário, reforçam a definição de Fernando Fernandes (2008) do autodidata não-puro. Todos os integrantes também demonstraram por meio de seus relatos terem características do autodidata por observação.

Em verde podemos observar o momento de atuação em espaços diversificados, que ocorre em paralelo com o processo de aprendizagem autodidata. Esses espaços diversificados são os estúdios de ensaio e gravação, festivais de música, shows, produção de outras bandas, e tantos outros contextos riquíssimos para o aprendizado informal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa consegui compreender parte da trajetória de aprendizagem musical dos integrantes da Scalene. Os objetivos do trabalho foram alcançados com êxito, uma vez que foi possível conhecer e refletir sobre o processo de formação dos músicos, desde o primeiro contato com aulas de instrumento até tocarem no Rock in Rio, passando pela aprendizagem formal, informal e não-formal e pelo autodidatismo.

Refleti durante todo o trabalho sobre a minha própria aprendizagem musical. Um pouco diferente do Gustavo, Tomas, Lucas e Philipe, minha aprendizagem musical iniciou-se já num processo de autodidatismo com a Flauta Doce, onde tocava músicas (“Asa Branca”, “Noite Feliz”, “Luar do Sertão”, “Cai, Cai, Balão”) de ouvido e pelos diagramas que vieram junto com o instrumento. Posteriormente passei a estudar Piano em um curso livre de música e após alguns anos de estudo, perdi o interesse nas aulas. Por isso a reflexão sobre a falta de interesse relatada pelos integrantes. Muitas vezes as aulas de instrumento não são voltadas para os objetivos e sonhos dos alunos, mas para um programa padronizado pelo curso ou professor particular. Dessa forma certas aptidões e talentos são podados em prol de um currículo comum. Isso me leva a pensar seriamente meu papel como professor de música e a buscar dar o foco em cada aula para a particularidade e interesse do aluno, não deixando de trabalhar questões primordiais para o cumprimento do currículo da escola onde dou aula, mas voltando todas as experiências para fortalecer o que o aluno tem como objetivo.

Tendo em vista os temas pesquisados para a execução desse trabalho, também reflito sobre a necessidade de aplica-los na minha prática como professor, no sentido de trabalhar com a motivação dos meus alunos sabendo quais são os fatores individuais e ambientais que os mantém motivados (HALLAM, 2002), de buscar sempre estimular o aprendizado dos alunos pela Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1989) e aplicando o C(L)A(S)P (SWANWICK, 2003) na estruturação de cada aula.

Concluindo esta monografia, sigo na esperança de que esse trabalho contribua na reflexão sobre o papel do professor de música, nos levando a repensar nossa conduta como educadores. Para isso deixo algumas indagações baseadas no que foi levantado em todo o processo: Nossas aulas são pensadas para motivar o aluno e trabalhar em cima dos objetivos pessoais e musicais dele? Será que o ensino formal possui um caráter decisivo no desenvolvimento musical de um instrumentista? Quais são as contribuições do processo não-formal e informal de aprendizagem para o integrante de uma banda?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Margarete. Transitando entre o “Formal” e o “Informal”: um relato sobre a formação de educadores musicais. *Anais do VII Simpósio Paranaense de Educação Musical*. Londrina:2000. p. 77-90.

BREMBECK, Cole. Los usos estrategicos de la educacion formal y no formal. In: BREMBECK, C.; THOMPSON, T. *Nuevas estratégias para el desarrollo educativo*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1973. p. 85-99.

CALLAWAY, Archibald. Fronteras de laeducacion extraescolar. In: BREMBECK, C.; THOMPSON, T. *Nuevas estratégias para el desarrollo educativo*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1973. p. 31-45.

COHEN, L.; MANION, L. *Research methods in education*. London: Routledge, 4thedition, 1994.

CONDESSA, Janaína. A motivação dos alunos para continuar seus estudos em música. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

COSTA, R. H. . Notas sobre a educação formal, não-formal e informal. In: III Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 2014, Rio de Janeiro. *Anais do III SIMPOM 2014 - Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 2014*. v. 3. p. 435-444.

DUMAZEDIER, Jofre. *A revolução cultural do tempo livre*. Tradução de Luiz Otávio de L. Camargo. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

FOLKESTAD, Göran. Formal and informal learning situations or practices VS formal and informal ways of learning. *British Journal of Music Education*, v., pp. 2006.

FERNANDES, Fernando E.M.S. O autodidata em Música. 2008. Monografia (Licenciatura em Música), Centro de Letras e Artes, Instituto Villa-lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35,n. 2, p. 57-63, 1995.

GREEN, Lucy. How popular musicians learn: a way ahead for music education. London: Ashgate Publishing Ltd., 2002. 238 p.

GREEN, Lucy. Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy. Aldershot: Ashgate Publishing Ltd., 2008. 213.

HALLAM, Susan. Musical Motivation: towards a model synthesising the research. *Music Education Research* , v. 4, n. 2, p. 225-244, 2002.

LIMA, Maria de Barros. Aprendizagem musical no canto popular em contexto informal e formal: perspectiva dos cantores no Distrito Federal. 2010. 173 f., il. Dissertação (Mestrado em Música)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MENEZES, Evandro Carvalho. Aprendizado musical coletivo: uma possibilidade democrática de iniciação musical e formação humana. *Paidéia* (Belo Horizonte), v. 9, p. 59-70, 2010.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PAÍN, Abraham. *Educación informal: el potencial educativo de las instituciones cotidianas*. Argentina: Ediciones Nueva Visión, 1992.

SOUZA, Jusamara et al. Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.7, 2003. p. 68-75

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, Lev. Semyonovitch. A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. COLE, Michael et al (Orgs.). Tradução de José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1994

WILLE, Regiana Blank. Educação formal, não-formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem com adolescentes. In: *Revista da ABEM*, nº13, setembro 2005, p. 39-48.

ANEXOS

ANEXO I – Questionário para aplicação individual

1 – Para começar eu gostaria de pedir que você me falasse um pouco sobre o início da aprendizagem musical, por qual/quais instrumentos você começou. Como foi essa trajetória inicial?

2 – Qual era a principal motivação para aprender o instrumento? Existiu em algum momento influência da família nessa decisão?

3 – Você faz aula do seu instrumento atualmente? Porque?

4 – Você se sentiu em algum momento da trajetória como músico, de certa forma, limitado na progressão do desenvolvimento técnico do seu instrumento? Se sim, conseguiria explicar o motivo dessa limitação ou contextualizar algum momento que vocês tenham sentido falta de um acompanhamento específico, por exemplo de um professor de instrumento?

5 – Como a participação em banda(s) contribuiu para o seu desenvolvimento musical?

6 – Fale um pouco sobre a sua aprendizagem fora de um contexto formal. Quais conceitos em música você absorveu? Existem músicos na família?

ANEXO II – Respostas ao questionário do Anexo I

Questionário respondido por Tomás Bertoni

1 – Para começar eu gostaria de pedir que você me falasse um pouco sobre o início da aprendizagem musical, por qual/quais instrumentos você começou. Como foi essa trajetória inicial?

Comecei pelo violão com aulinhas em casa. Depois perdi o interesse por uns anos e só voltou com o Scalene quando já tinha 18 anos. Aprendi de fato a tocar guitarra com a banda e por volta de 2012 aprendi a tocar piano/teclado também.

2 – Qual era a principal motivação para aprender o instrumento? Existiu em algum momento influência da família nessa decisão?

Sinceramente nem me lembro 100% a motivação de querer fazer as primeiras aulas de violão. Era meio que a mesma que você criança de fazer judô, depois futebol, depois inventa de fazer outra coisa e por aí vai. Minha mãe tinha um violão em casa e sim, isso ajudou a despertar o interesse.

3 – Você faz aula do seu instrumento atualmente? Porque?

Não faço. Desde que comecei com o Scalene fiz algumas aulas de guitarra, mas principalmente fiz aulas de piano. Todos nós temos uma linha mais auto-didata, todo mundo já fez aula, mas pontualmente pra dar uma direcionada e depois seguimos aprendendo “sozinhos”.

4 – Você se sentiu em algum momento da trajetória como músico, de certa forma, limitado na progressão do desenvolvimento técnico do seu instrumento? Se sim, conseguiria explicar o motivo dessa limitação ou contextualizar algum momento que vocês tenham sentido falta de um acompanhamento específico, por exemplo de um professor de instrumento?

A forma e o método que você usa pra estudar influencia muito em qualquer área né. Muitos músicos e musicistas gostam de tirar músicas de outras bandas como forma de aprendizado e treino, mas é comum esbarrar num momento que rola o sentimento de não saber por onde trilhar o próprio raciocínio. Pegar umas aulas com certeza pode ser uma maneira de ter um pontapé na direção correta. E tem gente que se dá muito bem em ter aula sempre, vai de cada um mesmo.

5 – Como a participação em banda(s) contribuiu para o seu desenvolvimento musical?

Foi o que de fato gerou esse desenvolvimento. Não tinha uma motivação grande antes da banda pra estudar música. E o desenvolvimento musical acontece de várias formas, não só tocando e treinando um instrumento. Ouvir diferentes estilos, estudar a evolução e os álbuns clássicos de cada nicho da música, entender de timbres, de mixagem e por aí vai. Estar em uma banda profissional e ter sucesso é impossível sem uma evolução constante do conhecimento musical.

6 – Fale um pouco sobre a sua aprendizagem fora de um contexto formal. Quais conceitos em música você absorveu? Existem músicos na família?

Basicamente todo meu aprendizado no mercado da música foi fora de um contexto formal. Nunca aprendi nada na escola e fora da escola foi pontualmente com alguns professores que eu tinha alguma afinidade e interesse de estudar coisas pontuais na música e na parte administrativa e empreendedora foi *Network* e conversando com outras pessoas. Não tem músicos na família, mas é uma família que sempre apoiou bastante, que gosta de música, que mostrou muita coisa boa pra gente e que tinha um ambiente cultural em casa massa.

1 – Para começar eu gostaria de pedir que você me falasse um pouco sobre o início da aprendizagem musical, por qual/quais instrumentos você começou. Como foi essa trajetória inicial?

Comecei a fazer aula de violão com 9 anos. Eu e meu irmão começamos aula junto, minha mãe tocava em casa e meu pai tava sempre colocando disco também. Já tinha uma convivência musical massa assim em casa, aí ela colocou a gente pra fazer aula de violão. A gente se amarrou. A gente começou com o Elson Fernandes, nordestino simpático pra caramba, super bom professor. A gente se apaixonou pela parada, aí dos 9 aos 12 eu acho que eu fiz aula de violão. Parei um tempo porque eu tava jogando muito basquete. Aí depois mais pra frente eu fiz aula de bateria, aula de canto e na banda da escola eu tocava também baixo, teclado, bateria, assim, foi um aprendizado legal. Tocava um pouquinho de Jazz e um pouquinho de música de Big Band, assim, umas trilhas sonoras, umas coisas assim. Foi uma vivência legal também.

2 – Qual era a principal motivação para aprender o instrumento? Existiu em algum momento influência da família nessa decisão?

Motivação inicial foi essa que eu falei na pergunta anterior mesmo: minha mãe tocava, eu achava “da hora” e ela colocou a gente pra tocar, pra aprender e foi isso.

3 – Você faz aula do seu instrumento atualmente? Porque?

Não, atualmente eu não faço aula de nenhum instrumento que eu toco. Nos últimos dois anos eu fiz um pouco de aula de canto em alguns momentos e gostaria de voltar a fazer aula de canto. E se eu fosse fazer aula de alguma coisa agora seria de produção musical e não de algum instrumento.

4 – Você se sentiu em algum momento da trajetória como músico, de certa forma, limitado na progressão do desenvolvimento técnico do seu instrumento? Se sim, conseguiria explicar o motivo dessa limitação ou contextualizar algum momento que vocês tenham sentido falta de um acompanhamento específico, por exemplo de um professor de instrumento?

Eu sinto acho que esse lance da limitação ela sempre presente, né? Porque você tem sempre algo a melhorar e você tá sempre ciente da sua limitação. Tem coisa que você consegue desenvolver só escutando, tocando e treinando, e tem outras coisas que você consegue desenvolver com realmente disciplina e método, né? E, digamos, estudando da forma certa, assim. Eu sinto que eu tenho mais motivação e mais motivação por desenvolver percepções tipo sensoriais e abstratas e sonoras de composição, enfim. Eu não tenho tanta motivação de me tornar um puta guitarrista sinistro, um puta vocalista sinistro. Tipo, acho que minha motivação de melhora sempre foi mais no aspecto de compositor e artista, assim, mas eu acho que você vai desenvolvendo várias coisas porque você compõe algo que é difícil pra executar, então você fica executando até conseguir apresentar aquilo, aí você vai sempre subindo aos poucos. Você passa a gostar de um estilo musical ou de algum artista que ele tem coisas mais desenvolvidas que você, aí você começa a tentar tipo imitar aquilo, fazer algo parecido e tal e vai desenvolvendo aos poucos. Mas o que eu sinto de limitação, que é a pergunta, tem muito a ver com disciplina, por que pra melhorar nas coisas que eu quero melhorar o maior desafio é a disciplina da repetição e de treinar da forma certa com constância. Acho que é uma limitação que todo mundo bate, assim.

5 – Como a participação em banda(s) contribuiu para o seu desenvolvimento musical?

Pro desenvolvimento musical ter uma banda é maravilhoso sim, é primordial. Não tem regra de como desenvolver musicalmente, mas com certeza uma das formas mais eficientes por mil motivos. Um: você tá sempre convivendo e tocando com caras que tem influências diferentes, são pessoas diferentes, enfim, esse diálogo, essa soma sempre te traz muitos aprendizados pra você desenvolver, um desafio ou outro, mostra sons novos e muito além também, né? Você tipo cria uma vivência, uma intimidade com uma galera, por exemplo, eu já tô a quase 10 anos vivendo com esses caras e tipo você aprende muito sobre tudo, assim. Tem o lance da frequência, né? Porque você tá sempre tipo naquele ciclo que é compor, compor, compor, entrar em estúdio, fazer um CD, lançar o CD, show, show, show, show, show desse CD, compor, compor, compor, compor, entrar em estúdio, gravar, lançar o CD, show, show, show, show, show, então você tá sempre tocando né? E a repetição obviamente faz desenvolver muito e a constante busca pela melhoria, assim também. Você tem tipo esse “Conatus”, né? Que é, enfim, uma palavra aí metida a besta pra tipo a vontade natural das coisas de continuarem melhorando. Se você tem ambição, etc. você vai estar sempre tentando melhorar e pode ser de diversas formas, né? Pode ser realmente pela teoria da coisa, pela agilidade, pelo quão bem você se expressa pelo instrumento, pode ser quão bem se expressa como artista ou letrista, e a gente que é tipo artista que escreve letra e compõe vários instrumentos, etc. a gente tem que estar sempre procurando desenvolver em todos os aspectos, sem contar toda a percepção estética e sonora do seu som, né? A sonoridade que você vai imprimir na parada e tem sempre o lance da expressão também, né? A gente tá falando muito de instrumento, mas expressão é um instrumento também e é um exercício também aprender a se expressar da forma mais verdadeira, mais eficiente possível e tal. Então é isso.

6 – Fale um pouco sobre a sua aprendizagem fora de um contexto formal. Quais conceitos em música você absorveu? Existem músicos na família?

Nenhum de nós somos músicos formais assim, tipo, a gente não tem uma formação formal, né? Todo mundo fez aulas de coisas, mas foi aprendendo a maior parte do que a gente sabe a gente aprendeu sozinho, um com o outro e com amigos e tal. Acho que é sempre legal fazer aula ali e aqui para tipo absorver novas percepções e claro que tipo tem todo um lance técnico que realmente você executar as coisas perfeitas é muito importante. É claro que não dá para você achar que vai construir uma carreira só nisso né, mas logicamente muito importante pelo profissionalismo assim da coisa mesmo e até pra passar a emoção ou a expressão de uma forma eficiente você tem que executar pelo muito bem executado. Mas a gente sempre se abriu para várias coisas que se relacionam a música, né? E quando você é músico, você é artista, você cresce fazendo isso, tipo tudo é música assim, tipo sua interação com as pessoas, sua posição sócio-política, todo tipo de arte, arte visual, né? Tudo isso dá para você tipo traçar paralelos em relação a música, né? Aquele tipo X de pintura, o que que seria isso num som, sabe? Ou aquelas cores o que seriam isso em notas, sabe? Dá pra você sempre tipo fazer correlações, assim. Inclusive a coisa que eu mais gosto de fazer é realmente correlacionar as coisas. Todos os tipos de artes, de interações e sensações com música, assim, porque tá tudo interligado, né? Música é uma expressão dessas coisas todas, né? É só tipo uma estrutura sonora pra expressar as coisas, então meio que você fica ligado em tudo e sua vivência, sua vida passa a ser expressada dessa forma, assim. Então a gente absorve todos os conceitos de tudo o que a gente consegue. Somos caras curiosos assim na banda e eu, sei lá, tenho interesse por várias coisas desde esportes, que dá pra levar pra música, até outras coisas, sei lá, de medicina holística ou de filme, literatura, enfim, tudo isso vira música no fim das contas. Então é isso. Existem músicos na família? Não, nós somos os únicos músicos na família. Deixa eu ver, um primo nosso meio que tentou ter banda quando era moleque e um outro primo nosso também... ah não, ele também é músico, ele toca guitarra muito bem. Ele

inclusive ensinou a gente um monte de coisa no início, mostrou a gente pra coisas tipo Metallica e Red Hot Chilli Peppers e coisas massas assim, mas ele nunca chegou a ser músico profissional. É isso.

1 – Para começar eu gostaria de pedir que você me falasse um pouco sobre o início da aprendizagem musical, por qual/quais instrumentos você começou. Como foi essa trajetória inicial?

Comecei tocando violão, tendo aulas. Não tinha muita noção do que eu queria de fato com isso. Logo perdi o interesse no violão pq achava as possibilidades sonoras um pouco limitadas (embora eu não soubesse nada, eu achava q sabia o suficiente pra afirmar isso. Arrogância de jovem/iniciante). Passei pra guitarra mas dessa vez segui o caminho autodidata. Me senti bem mais satisfeito com o aprendizado dessa forma e nesse instrumento e montei algumas bandas de garagem, bem de brincadeira para tocar com amigos. Muitos anos depois, quando minha atual banda (Scalene) foi formada, passei pro baixo e desde então minha evolução com músico cresceu exponencialmente, causada tanto pela identificação com o instrumento como pela oportunidade de me profissionalizar como músico dessa maneira.

2 – Qual era a principal motivação para aprender o instrumento? Existiu em algum momento influência da família nessa decisão?

Alguns tios meus tocavam violão em reuniões de família, mas nada sério. Isso me permitiu ter o primeiro contato com execução de música. Quando eu de fato comecei a tocar era algo meio sem objetivo. Achava legal e me divertia no processo mas não havia uma grande motivação por trás, apenas meu interesse por música em geral.

3 – Você faz aula do seu instrumento atualmente? Porque?

Não. Por falta de tempo e por ter dificuldade em me adequar aos métodos apresentados pela maioria dos professores/institutos. Nos últimos 3 ou 4 anos estudo com afinco a exploração sonora e os "limites" da sonoridade do contrabaixo. É uma busca por textura sonora mais do que por técnica ou teoria. Os métodos e professores que encontrei são totalmente baseados em noções clássicas do instrumento (que considero MUITO importante para criar a base no aluno mas é muito restrita para meus objetivos como instrumentista). Dito isso, sinto um pouco de treinamento formal em teoria que compenso estudando por conta própria sempre que possível.

4 – Você se sentiu em algum momento da trajetória como músico, de certa forma, limitado na progressão do desenvolvimento técnico do seu instrumento? Se sim, conseguiria explicar o motivo dessa limitação ou contextualizar algum momento que vocês tenham sentido falta de um acompanhamento específico, por exemplo de um professor de instrumento?

Nas primeiras gravações/composições profissionais que tive com minha atual banda me senti muito limitado por falta de conhecimento teórico (e, consequentemente, criativo em certo ponto). Isso se deu pq comecei a tocar contrabaixo meio que "do nada", sem ter tido quase nenhum contato com esse instrumento especificamente até então. Quando entramos em estúdio para criar o segundo disco corri atras desse conhecimento e desde então tenho evoluído bastante a cada trabalho. Dentro dessas limitações não senti tanto a necessidade de um professor/tutor pq busquei suprir minhas limitações pesquisando por conta própria a sonoridade, técnica e, em menor grau, teoria do que eu estava tentando alcançar.

5 – Como a participação em banda(s) contribuiu para o seu desenvolvimento musical?

Foi o aspecto que mais contribuiu. Em primeiro lugar pq vc toca com outros músicos que podem ser mais ou menos experientes que vc, com diferentes backgrounds na música. Isso exige uma capacidade de adaptação e de absorção bem alta pra que vc consiga tocar nesse ambiente. Além disso, vc se forma a melhorar e criar mais em um ambiente de banda. No meu caso, especificamente, como contrabaixista aprendi a encontrar meu lugar em cada música, a realizar a ponta entre harmonia e célula rítmica e a integrar melodias na minha forma de tocar. Acredito que a experiência de ser músico só se completa em um contexto de banda

6 – Fale um pouco sobre a sua aprendizagem fora de um contexto formal. Quais conceitos em música você absorveu? Existem músicos na família?

Minha aprendizagem foi praticamente toda fora do contexto normal, por isso quase todos os conceitos de música que eu absorvi ao longo da vida provém de experimentação, auto educação, prática, prática, prática e troca de experiências com outros músicos. Como falei anteriormente, sinto que sou um pouco defasado no aspecto teórico devido à essa forma de aprendizagem mas o que aprendi e desenvolvi no aspecto de textura sonora, ritmo e execução veio 100% do aprendizado não formal de música.

1 – Para começar eu gostaria de pedir que você me falasse um pouco sobre o início da aprendizagem musical, por qual/quais instrumentos você começou. Como foi essa trajetória inicial?

Eu comecei tocando violão porque meu irmão tocava violão e é meu irmão mais velho aí eu aprendi a tocar com ele um pouquinho só, até o ponto que um dia estava com os amigos eu peguei uma guitarra e fiz um Tipo uma linha de baixo que eu sabia fazer na guitarra assim, um amigo falou “bora fazer uma banda” aí eu já comecei a tocar baixo, comprei um baixo e dentro dessa banda eu acabei passando para tocar guitarra mesmo né, tipo aprender mais coisas de Riff em vez de Só base de canção e depois disso eu meio que como desafio aprendi a tocar teclado porque um amigo meu tinha em casa e ele não usava. Eu falei “po, se você me emprestar eu aprendo a tocar” aí eu aprendi a tocar no teclado um pouco, só a base e eu trabalhava mais como em vez de um piano mais como se fosse um sintetizador, efeitos e riffzinhos, digamos, né? Depois de um bom tempo que eu fui tentar aprender a tocar bateria e basicamente aprendi a tocar claro o Scalene, né? Então não teve nenhum momento assim que eu cheguei e quis por vontade própria fora da banda aprender a tocar bateria, mas ao mesmo tempo eu fui chamado para banda quando o pessoal tava montando a banda por que eu era o único amigo que sabia tocar bateria já, alguma coisinha, tá ligado? E coisinha assim básico do básico, né? E a princípio essa foi a trajetória inicial assim. Eu comecei pelo baixo fui para guitarra, comecei a aprender a tocar teclado, comecei a tocar bateria tipo, sei lá, devia fazer 2 meses assim que eu tinha tentado tocar quando fui chamado para banda aí e tudo aprendi sozinho, nunca tive muita vontade de fazer aula porque eu sempre fiquei com medo de me enquadrar demais ou sei lá, ficar muito quadrado, né? Mas foi uma imbecilidade [risos], eu devia ter feito algo.

2 – Qual era a principal motivação para aprender o instrumento? Existiu em algum momento influência da família nessa decisão?

Eu não sei, eu acho que como sempre foi um instrumento muito intuitivo pra mim, eu sempre gostei de tocar. Desde o primeiro momento que eu comecei a tocar ele eu sempre senti que seria algo que eu poderia fazer com mais facilidade. Não teve nenhum momento assim, nem nada, mas eu boto fé que todo show que eu ia quando era mais moleque eu sempre prestava mais atenção no baterista, assim, e o baterista era sempre algo que me encantava um pouco mais. Quando eu descobri que dava pra fazer isso sem tanta dificuldade, pelo menos naturalmente, assim, foi bom pra mim.

3 – Você faz aula do seu instrumento atualmente? Porque?

Eu nunca fiz aula pros instrumentos. Eu fiz durante acho que 2 meses (2013 ou 2012) aula de bateria, mas eu não gostei do meu professor, não achei nada que me chamasse atenção, que me prendesse nas aulas, ele não teve tanta conexão, eu não tive uma conexão boa com ele, assim, então eu acabei nunca fazendo aula. Hoje em dia eu aprendo muita coisa por YouTube ou por livros de exercício, alguns livros específicos como o do Buddy Rich que é um PDF que eu recebi num grupo e eu já mandei imprimir ele pra ter ele em casa e é algo que eu consigo praticar bem os rudimentos e as técnicas mais avançadas e as mais básicas, que é bom fazer. Tem muitos bateristas que me influenciam muito assim nesse quesito de me ensinar ou de me dar um caminho onde trilhar, onde tentar trilhar exatamente.

4 – Você se sentiu em algum momento da trajetória como músico, de certa forma, limitado na progressão do desenvolvimento técnico do seu instrumento? Se sim, conseguiria explicar o motivo dessa limitação ou contextualizar algum momento que vocês tenham sentido falta de um acompanhamento específico, por exemplo de um professor de instrumento?

Eu nunca senti que nada estivesse me limitando, mas eu sempre vi as coisas novas como algo que pudesse quebrar esse limite, mesmo eu não vendo esse limite, por que uma vez que eu aprendia uma técnica nova, por exemplo, eu via que antes eu era limitado e não que eu estava limitado e precisava aprender algo novo, entende? Tem sempre que desenvolver mais no instrumento, né? Não pode estagnar o que está fazendo. A gente fez aula de canto com o Vaz logo antes da gravação do DVD por que era um momento de muita pressão pra todo mundo e principalmente pra mim que teria que estar cantando, tocando bateria, fazendo as coisas todas, né? Então nós fizemos eu acho que uns 3 ou 4 meses de aula de voz todos os membros da banda, até o Sammyr. A gente conseguiu chegar num ponto muito bom no ao vivo que até hoje a gente tá mantendo bem e 2 anos anos depois já a gente tá conseguindo como uma coisa muito positiva.

5 – Como a participação em banda(s) contribuiu para o seu desenvolvimento musical?

Eu acho que foi o que mais contribuiu pro meu desenvolvimento musical, porque isso sempre me motivou a aprender mais. Não necessariamente o que eu aprendia era por conta das bandas ou do Scalene, tá ligado? Mas quando a gente vai conhecendo outras bandas a gente vai escutando coisas parecidas com elas e vai arranjando novas influências, novas referências, né? Então eu diria que acaba ensinando bastante esse convívio com outras bandas, mesmo não sendo nenhuma que eu tenha tocado. Por exemplo, agora a gente trabalhou com o Francisco el Hombre e foi muito massa de escutar o que eles estão escutando, ver o que eles estão gostando e dar uma escutada nisso até pra escutar coisas que eu não conhecia antes ou que eu as vezes podia ter algum tipo de preconceito, mas conhecer o melhor desse lado da música de outro gênero ou até de outra banda que eu não conheça. Mas diria que foi o que mais me influenciou, assim.

6 – Fale um pouco sobre a sua aprendizagem fora de um contexto formal. Quais conceitos em música você absorveu? Existem músicos na família?

Minha aprendizagem a princípio sempre foi autodidata, né? Que eu nunca tive muito saco, pelo menos nas aulas que eu já tinha feito de 2 ou 3 meses de bateria ou aula de guitarra que eu já tive, nunca me interessou o método que foi me ensinado, ou sei lá, o que era me ensinado, então tipo, tentei aprender as coisas que eu gostava e por sorte eu gostava de umas coisas mais ecléticas, digamos, então isso me deu muito leque de o que treinar, o que gostar, o que tentar tocar. Por que eu sinto que muita gente que acaba ficando travada no estilo não olha muito fora daquele contexto que ela toca ou que ela trabalha e as vezes o mais importante é você realmente saber o que de fora da sua área de conforto, ou área de trabalho você consegue trazer para incrementar no seu trabalho, né? O meu baterista predileto é o Neil Peart do Rush e as coisas que ele toca no Rush, que é uma banda de rock progressivo né, não são coisas progressivas. Ele gosta muito de Jazz, ele gosta muito de Fusion, de coisas latinas que ele consegue acrescentar no meio de uma música de Rock. São conceitos como esse que eu sempre gostei e quis tentar aprender e tentar entender realmente, tipo botar na minha vida, aplicar na minha vida. Músicos na família... meu irmão é músico, ele sempre tipo tocou violão, guitarra, tava em banda, ele acabou voltando mais pro lado da produção do que necessariamente tocar (mas eu sempre gostei dele tocando), mas na família assim de músico só ele, mas minha família sempre gostou de música e sempre teve um bom gosto, assim pra música então eu sempre gostava das coisas que eles escutavam. Que nem eu falei antes de

quais conceitos de música eu absorvi, é esse, tipo, uma coisa que eu gosto muito do próprio Neil Peart é uma coisa que ele falava, que ele falou que no início da carreira dele, bem no comecinho, ele tinha algumas músicas que ele gostava de tocar e quando ele foi mostrar pra um professor dele, o professor explicou que aquela música não era tipo uma só bateria, era bateria e percussões e ele conseguia tocar aquilo sozinho, então isso é uma coisa que eu gostei muito também de tipo não necessariamente você fazer uma base, mas você fazer frases e acompanhar riffs, estar mais em movimento do que necessariamente só uma base mesmo, né? Então acho que é isso, né? Outros conceitos exatamente não sei quais eu absorvi assim, mas você tem que estar aberto a música e você tem que escutar mais coisas possíveis, diferentes, assim, pra você absorver o máximo possível.

ANEXO III – Tabela

	Primeiro instrumento	Trajectoria inicial	Motivação para aprender o instrumento	Faz aula atualmente?	Limitações no desenvolvimento	Contribuição da(s) banda(s) no desenvolvimento musical	Conceitos absorvidos em música
Tomás	VIOLÃO	AULA PERDA DE INTERESSE AUTODIDATA	INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	NÃO	SIM	Foi o que de fato gerou esse desenvolvimento	Basicamente todo meu aprendizado no mercado da música foi fora de um contexto formal. Nunca aprendi nada na escola e fora da escola foi pontualmente com alguns professores que eu tinha alguma afinidade e interesse de estudar coisas pontuais na música e na parte administrativa e empreendedora foi <i>Network</i> e conversando com outras pessoas.
Gustavo	VIOLÃO	AULA OUTROS INTERESSES AUTODIDATA	INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	NÃO	SIM	Essa soma sempre te traz muitos aprendizados pra você desenvolver	Todo mundo fez aulas de coisas, mas foi aprendendo a maior parte do que a gente sabe a gente aprendeu sozinho, um com o outro e com amigos e tal. Acho que é sempre legal fazer aula ali e aqui para tipo absorver novas percepções e claro que tipo tem todo um lance técnico que realmente você executar as coisas perfeitas é muito importante.
Lucas	VIOLÃO	AULA PERDA DE INTERESSE AUTODIDATA	INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	NÃO	SIM	Foi o aspecto que mais contribuiu	Quase todos os conceitos de música que eu absorvi ao longo da vida provém de experimentação
Philipe	VIOLÃO	AULA PERDA DE INTERESSE AUTODIDATA	INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	NÃO	SIM	Eu acho que foi o que mais contribuiu pro meu desenvolvimento musical	Tentei aprender as coisas que eu gostava e por sorte eu gostava de umas coisas mais ecléticas, digamos, então isso me deu muito leque de o que treinar, o que gostar, o que tentar tocar.

GLOSSÁRIO

1 - Hardcore: “*Hardcore* é um estilo musical que surgiu no final da década de 1970 e começo de 1980, nos Estados Unidos e na Europa, quando algumas bandas de *punk rock* começaram a acelerar o ritmo das músicas, com notas mais cruas e pesadas.” (<https://www.infoescola.com/musica/hardcore/>)

2 - Metalcore: “Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, a imprensa especializada em metal classifica o termo *Metalcore* em duas vertentes distintas. A primeira surgiu em 1990 combinando elementos de hardcore e heavy metal, Já a segunda vertente é classificada lá fora como melodic metalcore, e traz, a grosso modo, a sonoridade que o mercado brasileiro associa ao estilo. O metalcore melódico emergiu no final da década de 1990 e início dos anos 2000, também nos Estados Unidos, através de nomes como Shadows Fall, Killswitch Engage, God Forbid e Avenged Sevenfold, unindo em um mesmo caldeirão a mistura de hardcore com metal já presente nos nomes da primeira geração e acrescentando mais itens na receita, notadamente uma grande influência de death metal melódico e alguns elementos de thrash e groove metaly.” (<https://whiplash.net/materias/biografias/240318-trivium.html>)

3 - Riffs: “É um pequeno trecho, geralmente instrumental, que se repete várias vezes na música. É muito utilizado como introdução e pesa muito na identidade da música. Apesar de os riffs de guitarra serem os mais conhecidos, existem riffs tocados no violão, no baixo, no piano e em outros instrumentos também. Quem não reconhece as músicas “Smoke on The Water” do Deep Purple, ou “Back In Black” do AC/DC só ouvindo o riff inicial?” (<https://www.musicclan.com.br/blog/riffs-licks-de-guitarra/>)

4 - Underground: “Atualmente, o termo é usado para definir tudo aquilo que é restrito à cultura alternativa, se opondo ao “*mainstream*” (cultura de massa). São artistas que procuram produções baratas, alternativas e livres de qualquer impedimento imposto pelos grandes estúdios, produtores, editoras e grandes galerias de arte.” (<http://sejasemveja.blogspot.com/2012/05/movimento-underground.html>)